



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

BOLETIM DE CONJUNTURA

DO RIO GRANDE DO SUL

V. 6 N. 1

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretário: Danielle Calazans

Secretário Adjunto: Bruno Silveira

Subsecretária de Planejamento: Carolina Mór Scarparo

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 6 N. 1, abril 2024

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 6	n. 1	p. 1-23	abr. 2024
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

Av. Borges de Medeiros, 1501 - 20.º andar

Porto Alegre - RS - 90119-900

Fone: (51) 3288-1196

E-mail: dee@planejamento.rs.gov.br

Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

Equipe Técnica: Martinho Roberto Lazzari e Tomás Amaral Torezani

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento,
Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n.
1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e
Gestão, 2019- .
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia –
Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de
Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e
Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
1 CENÁRIO EXTERNO	5
2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL	10
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	10
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS	12
2.3 EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO E CRESCIMENTO	13
3 CENÁRIO INTERNO — RS	13
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	13
3.2 SETOR EXTERNO	16
3.3 MERCADO DE TRABALHO	16
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS	18
3.5 PERSPECTIVAS PARA 2024	18
BOX	20
<i>CARRY-OVER</i> DO PIB GAÚCHO PARA 2024	20
PRINCIPAIS INDICADORES MENSIS	21
REFERÊNCIAS	22

SUMÁRIO EXECUTIVO

Na passagem do terceiro para o quarto trimestre de 2023, a economia mundial manteve sua tendência recente de crescimento moderado e desempenhos mistos. Entre as maiores economias, houve desacelerações, na margem, nos Estados Unidos e na China, enquanto a Área do Euro registrou estagnação. Em termos anuais, os desempenhos dos produtos agregados também foram mistos nas principais economias mundiais, com expansão de 5,2% na China, de 2,5% nos Estados Unidos e de 0,4% na Área do Euro. Já a Argentina, importante parceiro comercial do Brasil e do Rio Grande do Sul, registrou uma contração de 1,6% no Produto Interno Bruto (PIB) em 2023. Um aspecto importante para o crescimento global de 2023 foi a redução mais rápida da inflação do que o previsto inicialmente. Contudo a inflação ainda é persistente e permanece acima da meta em diversas economias, sobretudo por conta da inflação de serviços. Contribuindo para o processo desinflacionário global, os preços das *commodities* arrefeceram em 2023, especialmente os da energia. Os preços dos alimentos, principal componente dos preços agrícolas, recuaram 9% em 2023, em função da ampla oferta das principais culturas, especialmente cereais, com exceção do arroz. As perspectivas para 2024 são de continuidade de queda nos preços das *commodities*, sobretudo pelo lado da demanda, com a baixa perspectiva de crescimento global, particularmente da China. As perspectivas para o crescimento econômico global em 2024 continuam abaixo da média anual histórica pré-pandemia, com projeções que variam de 2,4% a 3,1%.

Internamente, a economia brasileira apresentou crescimento de 2,9% em 2023, desempenho impulsionado principalmente pela agropecuária, que expandiu 15,1% no ano. Pelo lado da demanda, os destaques foram os aumentos do consumo das famílias (3,1%) e das exportações (9,1%). Já a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) registrou retração de 3,0%. A expansão do PIB concentrou-se no primeiro semestre, já que nos dois últimos trimestres o produto agregado registrou estabilidade. Com esse resultado, o nível do PIB encontra-se em patamar 7,0% superior ao do 4.º trim./2019, trimestre imediatamente anterior ao início da pandemia. As atividades produtivas (indústria de transformação, comércio e serviços), nas medidas mensais, apresentaram expansões no primeiro bimestre de 2024. A inflação manteve sua trajetória descendente. No acumu-

lado em 12 meses até março de 2024, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) apresentou alta de 3,93%, dentro do intervalo da meta portanto. Nesse cenário mais favorável, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB) realizou a sexta redução seguida na taxa Selic, que, a partir de março, passou para 10,25% ao ano. Pelo lado das contas públicas, no acumulado em 12 meses até fevereiro de 2024, o déficit primário do setor público consolidado atingiu 2,44% do PIB, resultando em aumentos da dívida pública. Para 2024, as principais projeções indicam um crescimento positivo, mas abaixo do registrado em 2023, principalmente por causa da prevista queda do Valor Adicionado da agropecuária.

No Rio Grande do Sul, o PIB do 4.º trim./2023 apresentou variação nula (0,0%) na margem e decréscimo de 0,7% na comparação interanual. No acumulado do ano, a economia gaúcha registrou expansão de 1,7%, com avanços na agropecuária (16,3%) e nos serviços (2,7%) e retração na indústria (-4,0%).

A nova estiagem que ocorreu no Estado impediu uma recuperação mais firme da produção agrícola em 2023. Para 2024, no entanto, projeta-se uma safra dentro da normalidade, com avanços expressivos nas produções de soja e milho. Já os preços dos principais grãos produzidos no Estado estão em patamares inferiores aos praticados no ano anterior, com a exceção do arroz.

Dados do primeiro bimestre de 2024 das atividades produtivas mostram crescimento da indústria de transformação, do comércio e dos serviços, apresentando mudança na tendência recente dessas atividades e levantando a possibilidade de desempenhos mais positivos ao longo do ano.

No primeiro trimestre do ano, o valor das exportações do Estado registrou queda de 17,2%, com retrações do valor exportado de produtos das atividades agropecuárias e das industriais. Parte desse quadro deve sofrer alteração nos próximos meses, quando a safra de soja estará colhida e disponível para venda ao exterior, principalmente para a China.

No mercado de trabalho, o número de ocupados do quarto trimestre do ano (5.948 mil pessoas) apresentou elevação de 105 mil pessoas em relação ao trimestre imediatamente anterior, mas estabilidade na comparação com o mesmo trimestre de 2022. Ainda segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a taxa de desocu-

pação foi de 5,2%, resultado que representa estabilidade tanto em relação ao trimestre anterior quanto na comparação com o 4.º trim./2022. A massa real de rendimentos do 4.º trim./2023 também apresentou estabilidade nas comparações trimestral e anual. No mercado formal de trabalho, o Estado gerou, no acumulado dos 12 meses até fevereiro de 2024, 61.326 novas vagas.

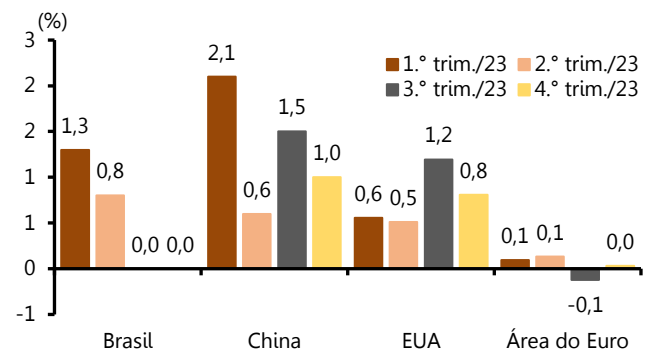
A arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) foi, a preços constantes, de R\$ 12,098 bilhões de janeiro a março de 2024, um incremento real de 18,7% em relação ao mesmo período de 2023. Já na comparação com o mesmo período de 2022, antes, portanto, da entrada em vigor da redução das alíquotas, a arrecadação de 2024 foi 2,2% inferior.

Para 2024, as perspectivas são otimistas. Em grande parte, pela recuperação da produção agrícola, com avanços estimados de 71,2% na quantidade produzida de soja e de 26,4% na de milho, culturas que foram bastante afetadas pela estiagem de 2022. A maior oferta da agropecuária beneficiará as atividades associadas ao Setor Primário, como os serviços e a indústria agroalimentar. O crescimento das produções da indústria de transformação, do comércio e dos serviços no começo do ano sinaliza para um cenário mais positivo também para essas atividades, que podem beneficiar-se do projetado aumento do investimento nacional e do mercado de trabalho aquecido.

1 CENÁRIO EXTERNO

A variação do Produto Interno Bruto (PIB) do 4.º trim./2023 apresentou resultados mistos, em relação ao trimestre imediatamente anterior, nas principais economias do mundo, com desacelerações na China e nos Estados Unidos e estagnação na Área do Euro (**Gráfico 1.1**).

Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 1.º trim./2023-4.º trim./2023



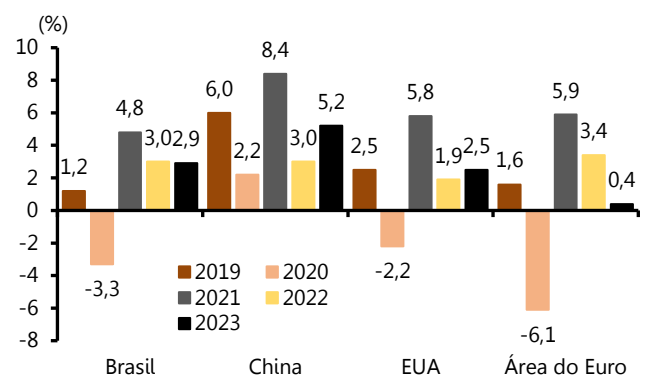
Fonte: OECD (2024).

Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

O resultado dos Estados Unidos refletiu, sobretudo, reduções no investimento em estoque privado, nas despesas do Governo Federal e no investimento fixo residencial. A Área do Euro escapou da recessão técnica, após um crescimento nulo; a retração das exportações líquidas foi compensada pelo aumento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e do consumo do Governo. Já na China, o resultado foi decorrência, em grande medida, da fraqueza da demanda externa e da redução das vendas no varejo.

Em termos anuais, os desempenhos das atividades econômicas também foram mistos nas principais economias mundiais (**Gráfico 1.2**).

Gráfico 1.2 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) anual de economias selecionadas — 2019-23



Fonte: OECD (2024).

A expansão da economia chinesa de 5,2% em 2023, após um crescimento de 3,0% em 2022, ficou em consonância com a meta de crescimento de cerca de 5% estabelecida por Pequim. Embora com um desempenho bastante superior ao verificado em 2022 (3,0%), a taxa de 2023 é a menor desde 1990 (desconsiderando 2022 e 2020, ano da pandemia de COVID-19).

O desempenho de 2023 foi influenciado tanto por alguns problemas socioeconômicos internos — entre os quais, a crise imobiliária persistente, o elevado desemprego de jovens, pressões deflacionárias, problemas de dívida e o rápido envelhecimento da população — quanto pela fraca demanda decorrente da desaceleração do crescimento global. Nesse particular, as exportações líquidas de bens e serviços contribuíram negativamente para o PIB em 2023 após quatro anos, refletindo, por um lado, a menor demanda interna por matérias-primas como petróleo e minério e, por outro, a redução da demanda de importantes parceiros comerciais como os Estados Unidos, a União Europeia e o Sudeste Asiático. Já o investimento e, sobretudo, o consumo final sustentaram o crescimento no ano, impulsionados pelos gastos do Governo, por medidas de estímulo fiscal e pela normalização das atividades após o fim das políticas de COVID zero. Também se deve levar em consideração a fraca base de comparação de 2022.

Os Estados Unidos também viram sua atividade econômica acelerar em relação a 2022. O crescimento de 2,5%, após uma taxa de 1,9% em 2022, foi resultado de um aumento quase generalizado dos componentes do PIB. A principal contribuição adveio do consumo das famílias (1,5 p.p.), tanto de bens, mas, especialmente, de serviços. O consumo e o investimento bruto do Governo (0,7 p.p.) e as exportações líquidas de bens e serviços (0,6 p.p.) também contribuíram positivamente em 2023. Já o investimento privado contribuiu negativamente (-0,2 p.p.), por conta do investimento fixo residencial e da variação de estoques; entretanto, o investimento fixo não residencial cresceu, contribuindo no mesmo montante que as exportações líquidas.

A expansão da economia norte-americana deu-se a despeito das condições monetárias mais apertadas (elevações da taxa de juros e condições restritivas de crédito), superando as expectativas de crescimento no ano, principalmente pelo desempenho no segundo semestre. O mercado de trabalho continua resiliente, com aumento dos salários reais, que contribuíram para o aumento do consumo das famílias, e com mais vagas de emprego do que desempregados. O resultado do ano também teve contribuição de uma política fiscal

expansionista, com grandes projetos de infraestrutura e de energia limpa. Ademais, a inflação continua em queda, embora em um ritmo mais lento, tanto o índice cheio quanto o seu núcleo. Nesses termos, com a resiliência da atividade econômica e do mercado de trabalho, os analistas apontam para a probabilidade cada vez menor de um cenário de “pouso forçado” da maior economia mundial em 2024.

Em direção contrária às acelerações verificadas nas economias da China e dos Estados Unidos, o PIB da Área do Euro registrou forte desaceleração, fechando 2023 com uma taxa de 0,4%, após crescer 3,4% em 2022. O resultado é explicado por aumentos nas exportações líquidas (0,3 p.p.), no consumo das famílias (0,3 p.p.) e no consumo do Governo (0,1 p.p.), sendo parcialmente compensado pela queda no investimento (-0,3 p.p.). As principais economias da região também registraram fortes desacelerações de 2022 para 2023, respectivamente: de 5,8% para 2,5% na Espanha, de 4,0% para 0,9% na Itália e de 2,5% para 0,7% na França. Já a Alemanha registrou contração em sua atividade econômica em 2023, de 0,3%, após crescimento de 1,8% em 2022.

O baixo crescimento da Área do Euro refletiu, em grande medida, os efeitos persistentes dos elevados preços de energia, os quais atingiram empresas e famílias, os efeitos defasados do aperto monetário verificado na região, a fraqueza da indústria de transformação e do investimento empresarial por conta de suas sensibilidades às taxas de juros, a persistente inflação do setor de serviços, bem como a fraca confiança dos consumidores.

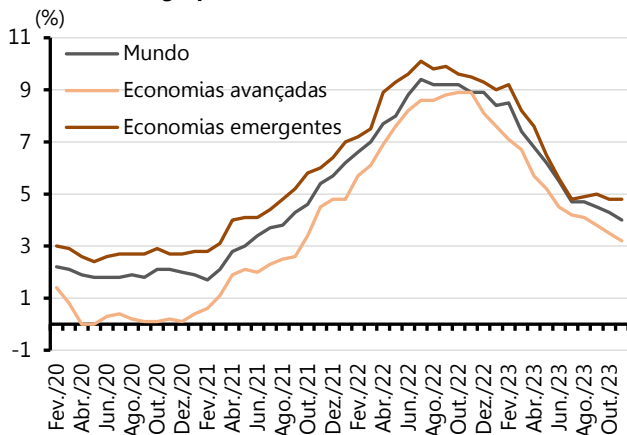
Já a Argentina, importante parceiro comercial do Brasil e do Rio Grande do Sul, registrou uma contração de 1,6% no PIB em 2023 (a sexta dos últimos 10 anos, após dois anos de variação positiva), explicada predominantemente pelas retrações das exportações líquidas e dos investimentos. Pelo lado da oferta, o resultado é explicado pela forte retração da agropecuária (decorrente dos efeitos adversos da seca que continuou, pelo terceiro ano consecutivo, afetando várias regiões do país), com uma contribuição negativa de 1,4 p.p. para a taxa agregada.

A partir de um cenário, no início de 2023, de queda dos rendimentos reais e do aperto rápido e generalizado da política monetária para conter a inflação, o crescimento da atividade econômica global revelou-se bastante resiliente no fechamento do ano, embora com diferenças significativas entre as economias. Isso

porque diversos efeitos negativos agiram ao longo de 2023, tais como os efeitos defasados e contínuos de políticas monetárias restritivas para controlar a inflação elevada, comércio e investimentos globais debilitados e condições de crédito restritivas. De todo o modo, 2023 deve registrar o terceiro ano consecutivo de desaceleração da atividade econômica mundial.

Um aspecto importante para o crescimento global de 2023 foi a redução mais rápida da inflação do que o previsto inicialmente (**Gráfico 1.3**), a partir, entre outros fatores, de preços mais baixos de energia e de alimentos, do abrandamento nos mercados de trabalho e da diminuição das pressões nas cadeias de suprimento. Nesse contexto, tanto a inflação cheia quanto o seu núcleo reduziram. Contudo, a inflação ainda é persistente e permanece acima da meta em diversas economias, sobretudo por conta da inflação de serviços. Ademais, os custos unitários do trabalho ainda estão crescendo. O processo desinflacionário em 2023 foi mais intenso nas economias avançadas do que nas economias emergentes. Com o referido processo, abrir-se-ia espaço para a discussão do início do ciclo de redução das taxas de juros mundiais. Entretanto, a política monetária deve seguir restritiva durante algum tempo, sobretudo enquanto as reduções dos núcleos da inflação não se mostrarem persistentes e os mercados de trabalho continuarem resilientes.

Gráfico 1.3 - Mediana da inflação ao consumidor anual no mundo e em grupos de economias — fev./2020-nov./2023



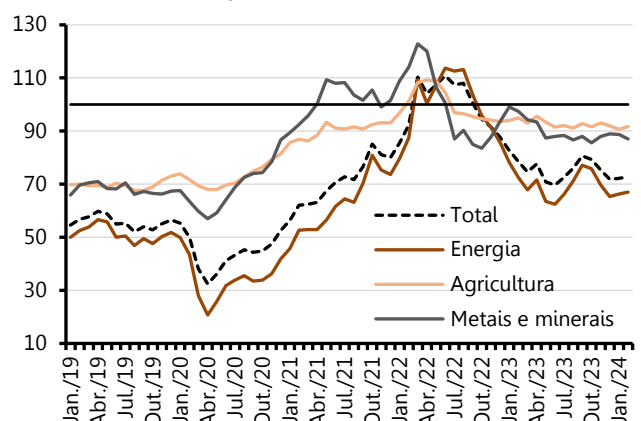
Fonte: Banco Mundial (World Bank, 2024a).
Nota: Amostra inclui 35 economias avançadas e mais de 100 economias emergentes.

Contribuindo para o processo desinflacionário global, os preços das *commodities* arrefeceram em 2023, especialmente o da energia (**Gráfico 1.4**), na esteira da moderação da demanda mundial. Entretanto os preços permanecem mais de 40% acima dos níveis pré-pandemia. Os preços das *commodities* energéticas

oscilaram bastante ao longo de 2023, com uma queda de 20% entre janeiro e junho, um aumento de 16% entre junho e setembro e um recrudescimento de 11% entre setembro e dezembro. O preço do petróleo recuou em 2023 pela fraqueza do crescimento mundial, com aumento da capacidade não utilizada. Os preços do gás natural e do carvão também diminuíram fortemente no ano, decorrente da redução da demanda por parte dos países da Europa e manutenção dos seus estoques de gás acima de 90% da capacidade de armazenamento. Já os preços dos metais caíram 10% em 2023, especialmente por conta da fraca demanda da China, maior consumidora global de metais, devido à fraqueza prolongada do seu setor imobiliário. Por seu turno, os preços dos alimentos, principal componente dos preços agrícolas, recuaram 9% em 2023, em função da ampla oferta das principais culturas, especialmente cereais, com exceção do arroz.

As perspectivas para 2024, embora com riscos diversos, são de continuidade de queda nos preços das *commodities*, sobretudo pelo lado da demanda, com a baixa perspectiva de crescimento global, particularmente da China. Contudo choques pelo lado da oferta também podem afetar os preços, tais como os relacionados aos atuais fatores geopolíticos (a guerra na Ucrânia e as tensões no Oriente Médio entre Hamas e Israel, bem como no Mar Vermelho), ocorrência de eventos climáticos (por exemplo, a transição do El Niño para La Niña em 2024) e continuidade de restrições de oferta de petróleo pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo e seus aliados (OPEP+).

Gráfico 1.4 - Índice de preço de grupos de commodities — jan./2019-fev./2024

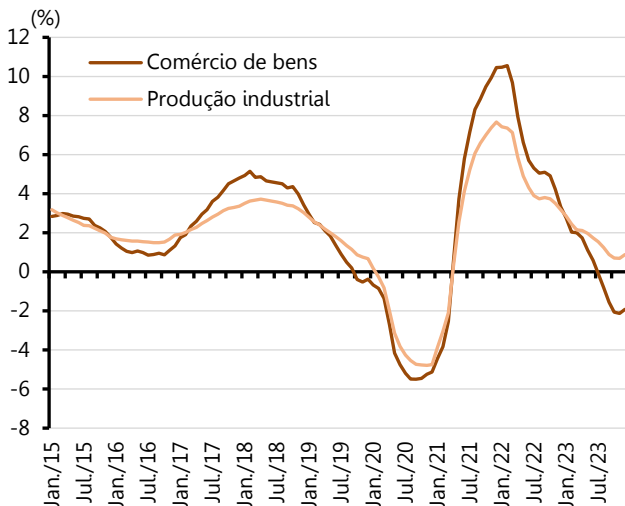


Fonte: Banco Mundial (World Bank, 2024b).
Nota: Os índices (US\$ nominal) têm como base o ano de 2022.

A debilidade do crescimento global em 2023 também pode ser verificada a partir da produção industrial

e do comércio de bens (**Gráfico 1.5**). A forte redução do comércio de bens é resultado da demanda mundial moderada, que implica o abrandamento do crescimento da produção industrial mundial e dos investimentos. De fato, como pode ser verificado no **Gráfico 1.6**, a contração do volume do comércio de bens em 2023 foi a primeira fora de anos de recessão global (2009 e 2020) em mais de 20 anos de série histórica. De acordo com o Banco Mundial, o crescimento do comércio de bens e serviços permaneceu praticamente estável em 2023, resultando na expansão mais lenta fora das recessões globais nos últimos 50 anos. Tais reduções refletem declínios nas principais economias avançadas e nas economias emergentes, em um contexto de produção industrial global anêmica.

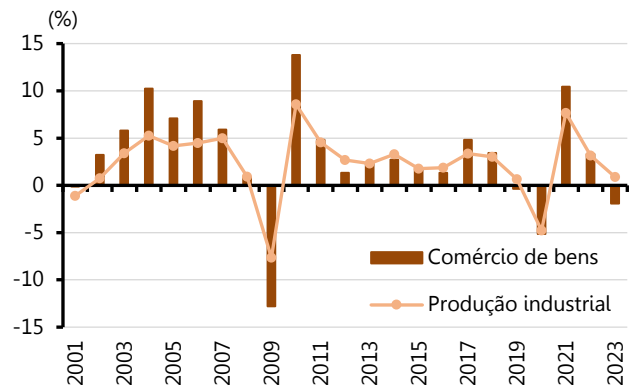
Gráfico 1.5 - Crescimento acumulado 12 meses dos volumes do comércio de bens e da produção industrial mundiais — jan./2015-dez./2023



Fonte: Netherlands (2024).
Nota: Os índices têm como base o ano de 2010. Produção industrial exclui a construção.

Além da demanda mundial moderada afetando o comércio global, há também a contínua rotação pós-pandemia do consumo de bens para serviços, o aumento da fragmentação comercial, as políticas comerciais mais restritivas e o aumento das distorções nas relações de comércio. Nesse particular, houve um forte aumento de imposições de novas restrições em 2022 (cerca de 3.200) e em 2023 (cerca de 3.000) em relação ao período pré-pandemia (cerca de 1.100 em 2019). A estagnação do comércio global deu-se mesmo com as pressões na cadeia de abastecimento global regressando às médias anteriores à pandemia e chegando aos mínimos históricos em meados de 2023.

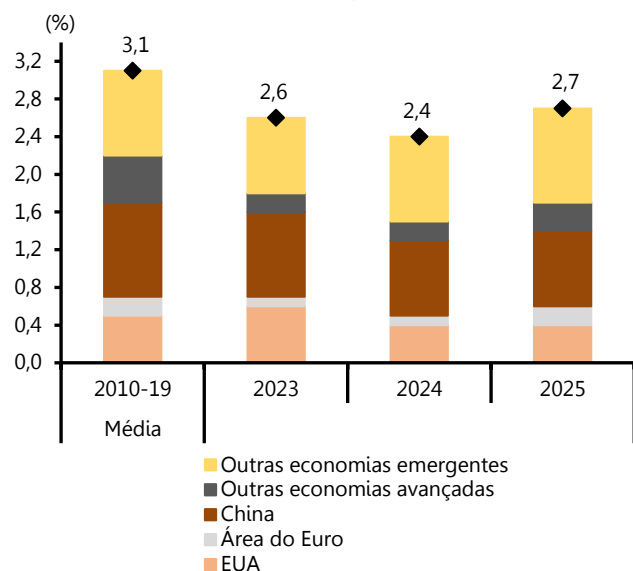
Gráfico 1.6 - Crescimento anual dos volumes do comércio de bens e da produção industrial mundiais — 2001-23



Fonte: Netherlands (2024).
Nota: Os índices têm como base o ano de 2010. Produção industrial exclui a construção.

As perspectivas para o crescimento econômico global em 2024 (e 2025) continuam abaixo da média anual histórica pré-pandemia (**Gráfico 1.7**) em um cenário de políticas monetárias ainda restritivas, retiradas de apoios fiscais e baixo crescimento da produtividade. De acordo com o Banco Mundial, o produto global deve crescer 2,6% em 2023 e desacelerar para 2,4% em 2024. Já a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) estima crescimentos de 3,1% em 2023 e de 2,9% em 2024. Por sua vez, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estima expansões de 3,1% tanto em 2023 quanto em 2024.

Gráfico 1.7 - Contribuições para o crescimento do PIB global — média de 2010-19 e período 2023-25



Fonte: Banco Mundial (World Bank, 2024a).
Nota: 1. Os dados de 2023 são estimativas; os de 2024 e 2025, previsão.
2. Cálculos usando pesos reais do PIB em US\$ a preços médios de 2010-19 e taxas de câmbio de mercado.

Nas economias avançadas, espera-se uma ligeira desaceleração do crescimento, com alguma recuperação da atividade econômica na Área do Euro e moderação do crescimento nos Estados Unidos. De acordo com o FMI, o crescimento do consumo privado deve moderar-se, com a diminuição do estoque de poupança excedente acumulada durante a pandemia. Ainda segundo a instituição, o crescimento do investimento também deverá permanecer moderado pelas taxas de juros elevadas e condições restritivas de crédito. A desaceleração esperada dos Estados Unidos em 2024 deve ser apenas parcialmente compensada por uma recuperação da Área do Euro, à medida que os efeitos persistentes dos choques de preços de energia se dissipem.

O crescimento da atividade econômica nas economias emergentes deve permanecer estável em 2024, com diferenças entre economias. De acordo com o Banco Mundial, espera-se que a desaceleração da atividade econômica da China seja compensada pela consolidação do crescimento em outras economias, a partir da melhora da demanda interna em muitos países e de alguma recuperação do crescimento das exportações e dos investimentos, embora ainda mais fracos que o ritmo médio registrado nas últimas duas décadas.

Essas projeções (**Tabela 1.1**) baseiam-se em um cenário de alguma recuperação do comércio global, continuidade do arrefecimento dos preços das *commodities* e de condições relativamente menos rígidas da política monetária ao final do ano. Ademais, também se baseiam na continuidade do processo de desinflação e da dissipação dos efeitos derivados do anterior aumento dos preços de energia. O FMI espera que cerca de 80% das economias registrem inflações mais baixas em 2024, o que, combinado com melhoras modestas nas atividades econômicas, implica um pouso mais suave da economia global do que o esperado anteriormente.

Tabela 1.1 - Crescimentos ocorridos e projetados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) do Produto Interno Bruto (PIB) e de outras variáveis selecionadas — 2022-25

DISCRIMINAÇÃO	2022	2023 (1)	2024 (2)	2025 (2)
Produto Interno Bruto	3,5	3,1	3,1	3,2
Economias avançadas	2,6	1,6	1,5	1,8
Estados Unidos	1,9	2,5	2,1	1,7
Área do Euro	3,4	0,5	0,9	1,7
Japão	1,0	1,9	0,9	0,8
Reino Unido	4,3	0,5	0,6	1,6
Canadá	3,8	1,1	1,4	2,3
Economias emergentes	4,1	4,1	4,1	4,2
China	3,0	5,2	4,6	4,1
Índia	7,2	6,7	6,5	6,5
Rússia	-1,2	3,0	2,6	1,1
Brasil	3,0	3,1	1,7	1,9
México	3,9	3,4	2,7	1,5
Comércio de bens e serviços	5,2	0,4	3,3	3,6
Economias avançadas	6,1	0,3	2,6	3,2
Economias emergentes	3,7	0,6	4,5	4,4
Preços de commodities				
Petróleo	39,2	-16,0	-2,3	-4,8
Não combustíveis	7,9	-6,1	-0,9	-0,4
Preços ao consumidor	8,7	6,8	5,8	4,4
Economias avançadas	7,3	4,6	2,6	2,0
Economias emergentes	9,8	8,4	8,1	6,0

Fonte: Fundo Monetário Internacional (IMF, 2024).
(1) Estimativa. (2) Previsão.

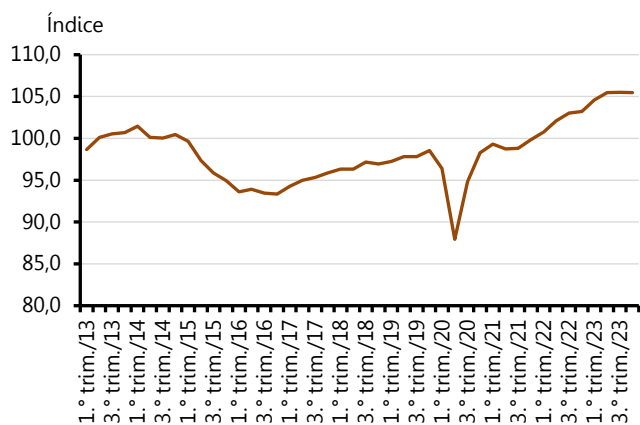
Por fim, os riscos ao crescimento projetado para 2024 estão globalmente equilibrados, podendo a expansão ser mais forte que o esperado a partir: (a) de um processo de desinflação mais rápido; (b) das retiradas mais lentas do apoio fiscal; e (c) de uma desaceleração menos intensa da China e dos Estados Unidos. Por outro lado, diversos riscos negativos continuam plausíveis e podem afetar as projeções para o crescimento global, entre os quais: (a) a disparada dos preços de *commodities* em meio a choques geopolíticos e/ou climáticos; (b) os próprios possíveis choques geopolíticos e climáticos, bem como conflitos internacionais; (c) uma maior lentidão no processo desinflacionário, especialmente do núcleo da inflação; (d) um crescimento mais fraco da China; (e) a orientação brusca para a consolidação fiscal; e (d) o estresse no mercado financeiro.

2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O PIB do Brasil apresentou crescimento de 2,9% em 2023, resultado bem similar ao de 2022, quando a expansão havia sido de 3,0%. O desempenho ao longo do ano, contudo, não foi uniforme. Nos dois primeiros trimestres, o produto agregado, impulsionado principalmente pelo bom desempenho da agropecuária, registrou crescimentos, na margem, de 1,3% e 0,8% respectivamente. Já nos dois últimos, a economia brasileira apresentou estabilidade, registrando duas variações nulas (0,0%) em sequência (**Gráfico 2.1**). Em relação ao nível, o volume do PIB encontra-se em seu pico histórico, 3,9% superior ao pico anterior à crise de 2014-16, registrado no 1.º trim./2014, e 7,0% superior ao patamar observado no 4.º trim./2019, trimestre imediatamente anterior ao início dos efeitos da pandemia na economia brasileira.

Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2013-4.º trim./2023



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024i).
Nota: Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

Especificamente no 4.º trim./2023, o PIB brasileiro foi, pelo lado da oferta, influenciado positivamente pela indústria (1,3%) e pelos serviços (0,3%), contrabalançados, no entanto, pela queda registrada na agropecuária (-5,3%) (**Tabela 2.1**). Na indústria, os destaques positivos ficaram por conta da indústria extrativa mineral (4,7%) e da construção (4,2%); a única queda ocorreu na indústria de transformação (-0,2%). Nos serviços, os avanços mais importantes ocorreram nas atividades de intermediação financeira (0,7%) e de outros serviços (1,2%). Na contramão, houve recuos no comércio (-0,8%), a segunda queda seguida, nos transportes (-0,6%) e nos serviços de informação e comunicação

(-0,1%). Pelo lado da demanda, os destaques positivos ficaram por conta dos aumentos do consumo do Governo (0,9%) e da Formação Bruta de Capital Fixo (0,9%), a primeira expansão nessa base de comparação após cinco recuos consecutivos. A única queda veio do consumo das famílias (-0,2%), o mais importante componente da demanda.

Tabela 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB), pelas óticas da oferta e da demanda, do Brasil — períodos selecionados

ATIVIDADES	4º TRIM/2023 3º TRIM/2023 ⁽¹⁾	4º TRIM/2022	2023 2022
PIB	0,0	2,1	2,9
Ótica da oferta			
Impostos	-	0,7	2,1
VAB	-0,1	2,3	3,0
Agropecuária	-5,3	0,0	15,1
Indústria	1,3	2,9	1,6
Serviços	0,3	1,9	2,4
Ótica da demanda			
Consumo das famílias	-0,2	2,3	3,1
Consumo do Governo	0,9	3,0	1,7
FBCF	0,9	-4,4	-3,0
Exportações	0,1	7,3	9,1
Importações	0,9	-0,9	-1,2

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024i).
(1) Com ajuste sazonal.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a expansão foi de 2,1%, traduzindo, pelo lado da produção, os desempenhos positivos da indústria (2,9%) e dos serviços (1,9%); a agropecuária apresentou variação nula (0,0%). Na indústria, houve altas importantes nas atividades da indústria extrativa mineral (10,8%) e na de eletricidade e gás, água, esgoto, atividade de gestão de resíduos (8,7%). A indústria de transformação (-0,5%) teve sua quarta queda sucessiva nessa base de comparação. Nos serviços, os maiores avanços ocorreram na intermediação financeira (5,6%), nas atividades imobiliárias (2,7%) e outros serviços (2,4%). Comércio (-0,1%) e serviços de informação e comunicação (-0,3%) apresentaram recuos. Pela ótica da demanda, houve aumentos importantes no consumo das famílias (2,3%), no consumo do Governo (3,0%) e nas exportações (7,3%). O destaque negativo foi a queda na FBCF (-4,4%), a terceira seguida nessa base de comparação.

No acumulado do ano, o PIB do Brasil cresceu 2,9%, impulsionado, pelo lado da oferta, principalmente pela agropecuária e pelos serviços e, pelo lado da demanda, pelo consumo das famílias e pelas exportações. A partir da expansão da área plantada e das

boas condições climáticas gerais, que elevaram o rendimento médio das principais culturas, os agricultores brasileiros colheram uma supersafra em 2023. Os avanços mais impactantes foram nas produções de soja (27,1%) e de milho (19,0%). A expansão dos serviços foi disseminada, sendo puxada, principalmente, pelas altas das atividades de intermediação financeira (6,6%), atividades imobiliárias (3,0%), outros serviços (2,8%), transportes (2,6%) e serviços de informação e comunicação (2,6%). Dentro dos serviços, o comércio foi a atividade que menos cresceu, 0,6%. Entre os setores, a indústria registrou o menor crescimento no ano, ao mesmo tempo em que suas atividades apresentaram desempenhos distintos. A indústria extrativa mineral (8,7%) e a atividade de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (6,5%) apresentaram forte expansão, a primeira por conta do aumento das extrações de petróleo e de minerais ferrosos, e a segunda, em razão da melhora das condições hídricas e do aumento das temperaturas médias do ano, influenciando a produção e o consumo de energia elétrica.

Pela ótica da demanda, as maiores influências positivas vieram do consumo das famílias (3,1%) e das exportações (9,1%). No primeiro caso, o aumento dos gastos dos consumidores esteve relacionado com o bom desempenho do mercado de trabalho, tanto do emprego quanto da renda, das transferências governamentais e do processo de desinflação, notadamente da cesta de bens associada a rendas mais baixas. A elevação das exportações, a maior desde 2010, ocorreu em razão da maior oferta da indústria extrativa mineral e da agropecuária, que encontraram uma demanda externa aquecida para esses produtos. Conforme já apontado nos números anteriores do boletim, o destaque negativo foi a queda de 3,0% na Formação Bruta de Capital Fixo, notadamente pelo recuo dos gastos com máquinas e equipamentos domésticos. Os juros ainda em patamares elevados e a relativa alta ociosidade da indústria estão entre as causas para a diminuição do volume de investimentos ao longo do ano.

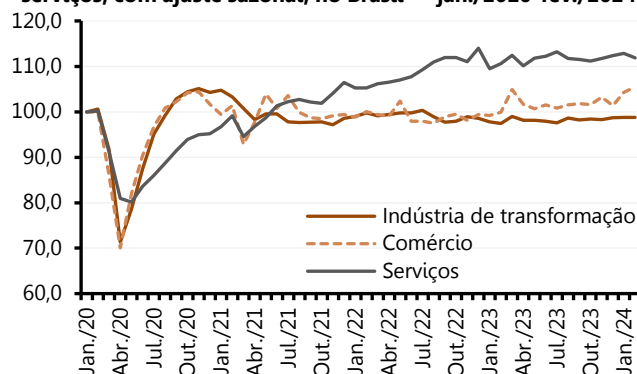
Na análise das trajetórias ao longo de 2023, os dados mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram certa estabilidade da indústria de transformação e dos serviços e expansão do comércio (**Gráfico 2.2**). Nos últimos três meses (dez./2023 a fev./2024), na comparação com os três meses anteriores, na série com ajuste sazonal, no entanto, houve crescimento de 0,5% na indústria de

transformação, de 1,5% no comércio e de 0,8% nos serviços, indicando um quadro possivelmente mais benigno na passagem de 2023 para 2024.

A produção física da indústria de transformação nacional apresentou variação negativa de 1,0% em 2023, na comparação com 2022. O desempenho manteve-se, ao longo do ano, muito perto da estabilidade, com pequenas oscilações, mas sempre abaixo da média do ano anterior. Apesar do aumento da demanda, o setor industrial não foi impactado positivamente. Houve aumentos das produções de bens de consumo, tanto duráveis quanto semiduráveis e não duráveis, mas a queda da produção de bens de capital (-11,1%), a partir da redução dos investimentos, foi decisiva para a produção da indústria de transformação diminuir em 2023. Nesse primeiro bimestre de 2024, no entanto, a produção industrial brasileira cresceu 4,0% contra igual período de 2023.

O comércio varejista ampliado do Brasil registrou expansão de 2,4% em 2023. Inicialmente, foi observado um aumento nas vendas no início do ano, contudo, nos meses subsequentes, houve um arrefecimento nesse crescimento, mantendo-se em relativa estabilidade até o final do ano. No primeiro bimestre de 2024, a atividade parece ter apresentado um novo impulso, com aumento de 8,2% na comparação com igual período do ano anterior. Nos serviços, ocorreu um aumento de 2,4% na média de 2023. Apesar de estar em um patamar mais elevado, portanto, que o do ano anterior, o setor pouco avançou ao longo de 2023, apresentando relativa estabilidade no período. A partir de novembro, o setor voltou a crescer. No acumulado de janeiro a fevereiro, houve elevação de 3,3% na atividade.

Gráfico 2.2 - Produção da indústria de transformação, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços, com ajuste sazonal, no Brasil — jan./2020-fev./2024

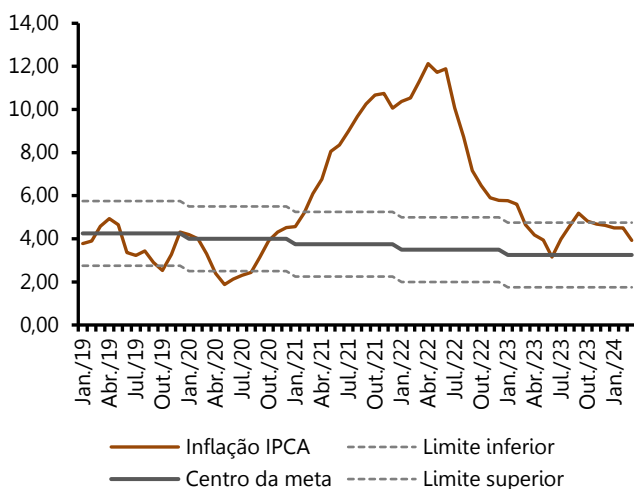


Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2024e).
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2024f).
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2024g).
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100.

2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

Após três meses de variações acima das projeções do Banco Central do Brasil (BCB), a inflação mensal de março, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), veio abaixo do esperado pela autoridade monetária. No acumulado em 12 meses até março, a inflação fechou em 3,93%, chegando à sexta redução seguida nessa medição (**Gráfico 2.3**). O processo de desinflação ocorrido ao longo de 2023, e que segue neste começo de 2024, tem-se beneficiado da queda dos preços das *commodities*, com efeitos sobre os preços dos alimentos. Da mesma forma, os preços dos bens industriais também têm ajudado na desinflação. De acordo com o Índice de Preços ao Produtor (IPP), que mede a variação dos preços ao produtor das indústrias extrativas e de transformação, a pressão desinflacionária diminuiu, mas ainda continua relevante. No acumulado em 12 meses até fevereiro, o índice geral apresentou recuo de 5,2%, e o da indústria de transformação especificamente, de 5,6%. Das 23 atividades industriais pesquisadas, ocorreu redução de preços em 16 delas. Por outro lado, os preços administrados apresentaram pequeno recuo nos últimos meses, mas ainda rodam a taxas em 12 meses bem acima da média. Na desagregação por grupos de produtos e serviços, ainda no acumulado em 12 meses até março, registraram as menores taxas de variação os grupos de artigos de residência (-0,16%) e comunicação (0,64%), ao passo que as maiores altas foram verificadas nos grupos de educação (6,92%) e saúde e cuidados pessoais (6,24%).

Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2019-mar./2024

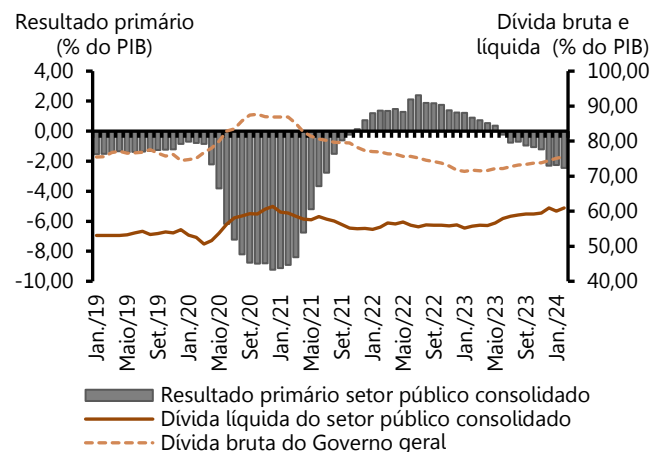


Fonte dos dados brutos: IBGE (2024b).
Banco Central do Brasil (2024b).

Nesse cenário mais favorável, o Comitê de Política Econômica (Copom) do BCB manteve o processo de redução da taxa Selic. Desde agosto de 2023, foram seis diminuições seguidas de 0,50 ponto percentual cada. A última ocorreu em 21 de março de 2024, quando a taxa de juros foi definida em 10,25% ao ano. No comunicado que se seguiu à reunião, o Copom apresentou um tom menos positivo na comparação com os comunicados anteriores, aumentando a ênfase sobre os fatores de risco. Incertezas externas e a reancoragem apenas parcial das expectativas embasariam uma maior cautela na condução da política monetária, levantando a possibilidade de se seguir com apenas mais uma redução de 0,50 p.p.

O setor público consolidado fechou o ano de 2023 com déficit primário de R\$ 249,1 bilhões, 2,29% do PIB. No primeiro bimestre de 2024, o resultado primário foi positivo em R\$ 53,4 bilhões, consequência de um superávit de R\$ 102,1 bilhões em janeiro e de um déficit de R\$ 48,7 bilhões em fevereiro. O resultado positivo teve como causa principal o aumento das receitas, notadamente das vinculadas aos serviços, atividade que apresentou elevação de vendas no período. Também ajudou a mudança na legislação que permitiu a retomada parcial da tributação de combustíveis. No acumulado em 12 meses até fevereiro, contudo, o déficit primário alcançou 2,44% do PIB, um aumento de 0,15 p.p. em relação ao fechamento do ano anterior (**Gráfico 2.4**). A dívida líquida do setor público (DLSP) atingiu 60,91% do PIB em fevereiro de 2024, 5,21 p.p. acima do valor registrado no mesmo mês de 2023. A dívida bruta do Governo geral (DBGG) em relação ao PIB também aumentou, chegando a 75,55% no segundo mês do ano, 3,80 p.p. acima do registrado um ano antes.

Gráfico 2.4 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2019-fev./2024



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2024b).

2.3 EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO E CRESCIMENTO

Para 2024, as principais projeções indicam uma queda da inflação anual. Segundo o Relatório Focus do Banco Central de 5 de abril de 2024, a previsão dos agentes econômicos consultados é de crescimento de 3,76% do IPCA para o ano, dentro do intervalo da meta e abaixo da taxa acumulada em 12 meses até março. A previsão está bem próxima da divulgada pelo Banco Central em seu Relatório de Inflação de março, em que se aponta para uma alta de 3,5% no ano.

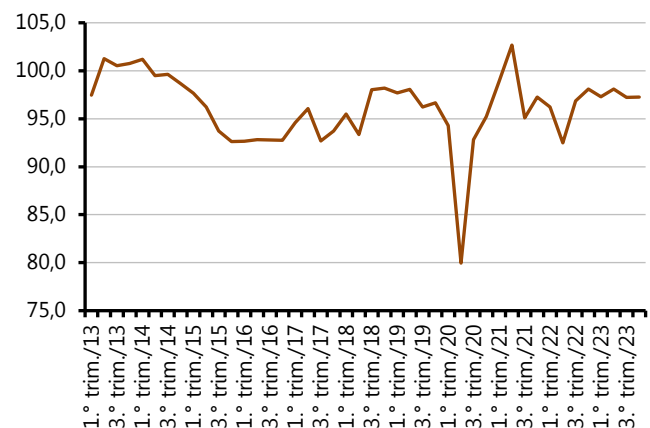
Em relação ao PIB, embora haja uma maior disparidade entre as projeções apresentadas neste boletim, não parece haver discordância de que o crescimento de 2024 virá da indústria e dos serviços, uma vez que é esperada uma queda no Valor Adicionado da agropecuária em função dos efeitos do fenômeno El Niño, que ocasionou falta de chuvas em importantes regiões produtoras de grãos, principalmente na Região Centro-Oeste. Segundo as previsões que constam na Carta de Conjuntura do primeiro trimestre de 2024 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Valor Adicionado da agropecuária deve cair 1,5% em 2024. Para o PIB, a projeção é de aumento de 2,2%, um pouco acima, portanto, das previsões que constam no Boletim Focus, que indicam uma expansão de 1,90% em 2024.

3 CENÁRIO INTERNO — RS

3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O PIB do Rio Grande do Sul apresentou crescimento de 1,7% em 2023. A maior parte desse aumento concentrou-se no segundo trimestre, quando a agropecuária teve seu melhor desempenho a partir da recuperação, mesmo que parcial, da produção agrícola em relação a 2023, ano de forte estiagem. A incompletude da retomada da economia gaúcha em relação à queda de 2,8% verificada no ano anterior deveu-se, principalmente, à nova estiagem, que afetou a produção de grãos do primeiro semestre, e ao excesso de chuvas, que resultou em redução do rendimento médio do trigo em torno de 50,0%, fenômenos que impediram uma expansão maior da agropecuária e, por consequência, do PIB gaúcho em 2023. Com isso, o ano fechou com o nível do volume do PIB 0,6% acima do observado no período anterior ao início da pandemia, no 4.º trim./2019, mas 5,3% abaixo do pico histórico, que foi registrado no 2.º trim./2021 (**Gráfico 3.1**).

Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2013-4.º trim./2023



Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2024b).

Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024i).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

No 4.º trim./2023, o PIB do Rio Grande do Sul apresentou variação nula (0,0%) na comparação com o trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal (**Tabela 3.1**). Essa estabilidade foi resultado dos aumentos do Valor Adicionado dos serviços (0,6%) e da indústria (0,1%), compensados pela queda da agropecuária (-12,3%). Na expansão dos serviços, os destaques positivos foram as altas nas atividades imobiliárias (1,8%) e nos outros serviços (1,3%). Comércio (-0,7%) e intermediação financeira (-1,4%) destacaram-

se negativamente. Na indústria, o maior impacto positivo veio da atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (26,4%), desempenho explicado pelo crescimento da produção de energia elétrica a partir da elevação dos reservatórios de água em função das chuvas ocorridas nos últimos meses do ano. A indústria de transformação, por outro lado, registrou um recuo de 1,7%, o segundo seguido nessa base de comparação.

Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — períodos selecionados

ATIVIDADES	4° TRIM/2023 3° TRIM/2023 ⁽¹⁾	4° TRIM/2023 4° TRIM/2022	2023 2022
PIB	0,0	-0,7	1,7
Impostos	-	-0,3	-0,9
VAB	-0,1	-0,7	2,1
Agropecuária ...	-12,3	-23,1	16,3
Indústria	0,1	-1,0	-4,0
Serviços	0,6	2,1	2,7

Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2024b).

(1) Com ajuste sazonal.

Já em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a economia gaúcha apresentou queda de 0,7%. Nessa base de comparação, houve crescimento dos serviços (2,1%), mas redução da agropecuária (-23,1%) e da indústria (-1,0%). O avanço dos serviços foi impulsionado pelas atividades imobiliárias (3,7%), intermediação financeira (3,4%), serviços de informação (3,3%) e outros serviços (3,1%). Já o recuo da indústria foi puxado pelas retrações da indústria de transformação (-5,1%) e da construção (-1,3%).

No acumulado do ano, o PIB do Estado apresentou crescimento de 1,7%. O aumento do Valor Adicionado Bruto (VAB), que foi de 2,1%, foi impulsionado, principalmente, pelo aumento da agropecuária (16,3%). Mesmo diante da ocorrência de uma nova estiagem durante o verão, que impediu uma recuperação total da produção agrícola, a sua menor intensidade, em comparação com a estiagem de 2022, possibilitou uma expansão na produção do Setor Primário, notadamente das culturas de soja e de milho. A indústria, por outro lado, apresentou queda de 4,0%, desempenho puxado pela indústria de transformação, que recuou 5,4%. A atividade industrial do Rio Grande do Sul foi prejudicada pela diminuição dos gastos para investimentos da economia brasileira, além de questões pontuais levantadas e explicadas no número anterior do boletim, para as quais, no entanto, é sempre importante chamar a atenção: paradas técnicas para investimento da refinaria de petróleo e de importante planta

de fabricação de celulose e férias coletivas na General Motors. Vale notar, ainda, que a redução da produção industrial do Estado se insere no contexto nacional, que também registrou recuo na indústria de transformação, porém de forma menos intensa que a estadual. Também apresentaram retração a indústria extrativa (-0,7%) e a construção (-2,2%). A atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana registrou queda até o terceiro trimestre, mas o aumento expressivo observado na produção de energia elétrica de fonte hídrica no quarto trimestre mais do que compensou as perdas anteriores, resultando em expansão de 5,2% no acumulado do ano. O crescimento de 2,7% dos serviços do Estado no acumulado do ano acompanhou muito de perto o desempenho nacional, inclusive com aumentos em todas as sete atividades. A maior expansão ocorreu nos serviços de intermediação financeira e seguros (7,0%), seguida pelos incrementos nos outros serviços (3,5%) e nos serviços de informação (2,6%).

Conforme já destacado, a safra de 2023 foi novamente prejudicada por uma estiagem, a terceira em quatro anos. Entretanto, como foi de menor intensidade que a do ano anterior, a produção da agricultura do Estado apresentou recuperação, mesmo que parcial. Para 2024, as previsões do IBGE indicam uma retomada mais robusta da produção agrícola. Em relação à safra de 2023, projeta-se um incremento de 71,2% na produção de soja, de 26,4% na de milho, de 4,2% na de arroz, e queda de 2,6% na do fumo, todas culturas do primeiro semestre do ano. No caso do trigo, que tem seu ciclo no final do ano, a previsão é de aumento de 72,0% na quantidade produzida (**Tabela 3.2**). Na comparação com 2021, última safra sem problemas climáticos mais graves, a produção de 2024 deve ser maior nas culturas de soja (6,4%), milho (14,1%) e trigo (27,0%). Já nos casos do arroz e do fumo, deve haver recuo de 10,7% e de 15,6% respectivamente.

Tabela 3.2 - Quantidades produzidas dos principais produtos agrícolas do Rio Grande do Sul — 2021-24

PRODUTOS	2021	2022	2023	2024 (1)
Soja	20.420.501	9.370.274	12.693.487	21.729.500
Arroz	8.295.840	7.671.078	7.109.123	7.409.767
Trigo	3.547.866	5.299.994	2.620.493	4.507.277
Milho	4.389.617	3.000.744	3.960.378	5.007.602
Fumo	344.496	294.029	298.474	290.645

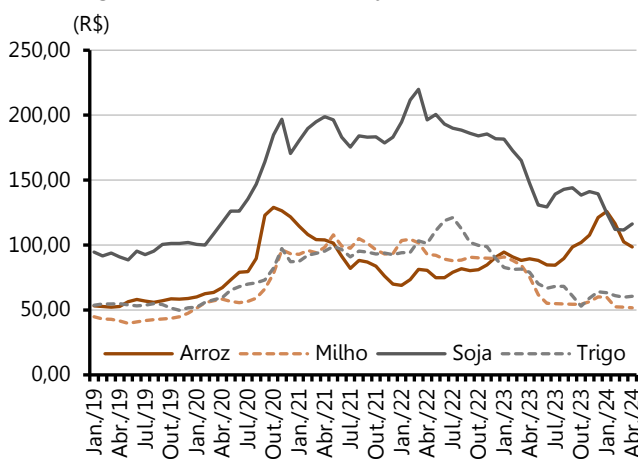
Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) (IBGE, 2024d).

Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE, 2024c).

(1) Previsão.

A retomada da produção, no entanto, está ocorrendo em meio à redução dos preços dos principais grãos produzidos no Rio Grande do Sul. São os casos da soja, do milho e do trigo, que apresentam recuos de 30,3%, 36,2% e 24,6% nos primeiros quatro meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, respectivamente. A exceção é o arroz, que tem alta de 22,3% nesse mesmo período (**Gráfico 3.2**). A diminuição dos preços internos acompanha o mercado internacional das *commodities* agrícolas, que também tiveram seus preços cedendo no período.

Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-abr./2024

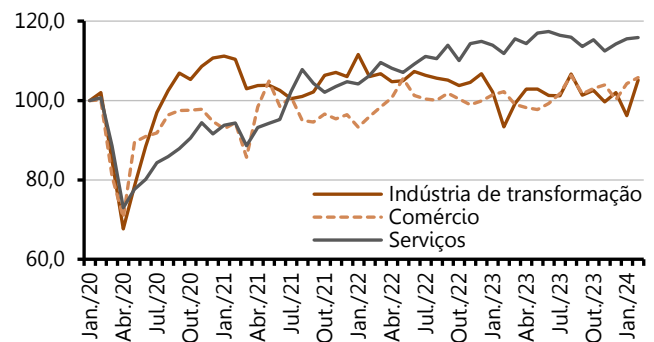


Fonte: Emater-RS (2024).

Nota: Valores constantes a preços de mar./2024, corrigidos pelo IPCA.

Na análise dos dados conjunturais mensais ao longo dos meses de 2023, a indústria de transformação apresentou queda, enquanto o comércio e os serviços registraram quadros de estabilidade na comparação de dezembro de 2023 com o mesmo mês de 2022 (**Gráfico 3.3**). Ao final do ano, os desempenhos modificaram-se um pouco. Na relação dos últimos três meses (dez./2023 a fev./2024), contra os três meses imediatamente anteriores, a produção industrial teve pequeno recuo (-0,1%), ao passo que o comércio (0,5%) e os serviços apresentaram crescimento (1,3%). As melhoras nos desempenhos das três atividades produtivas já observadas ao final do ano estenderam-se para o início de 2024, com taxas mais altas de crescimento sendo verificadas.

Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-fev./2024



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2024e).

Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2024f).

Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2024g).

Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

A produção industrial do Estado começou 2024 com queda de 4,7% na comparação com janeiro de 2023. No mês seguinte, no entanto, a indústria de transformação gaúcha expandiu-se 18,3%, fazendo com que, no acumulado do bimestre, o crescimento tenha sido de 6,2%. Fevereiro teve um impacto muito expressivo da atividade de fabricação de derivados de petróleo e de biocombustíveis, que cresceu 300,9% na comparação interanual. Vale lembrar que, em fevereiro do ano anterior, a Refinaria Alberto Pasqualini havia entrado em parada técnica para manutenção e realização de investimentos, resultando em queda expressiva da produção. O crescimento deste ano, portanto, explica-se pela baixa base de comparação do período anterior. Outras atividades também apresentaram crescimento no primeiro bimestre, destacando-se a fabricação de produtos do fumo (40,8%), metalurgia (12,9%), fabricação de couros e calçados (12,8%) e fabricação de móveis (7,5%). Por outro lado, sete das 14 atividades pesquisadas pelo IBGE registraram queda no período, chamando atenção a fabricação de máquinas e equipamentos (-20,5%) e a fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (-9,1%). No primeiro caso, a retração concentrou-se na produção de máquinas e implementos agrícolas, que ainda segue impactada pela diminuição dos investimentos na agropecuária.

O comércio varejista ampliado do Estado também começou 2024 em expansão. No primeiro bimestre do ano, as vendas cresceram 6,1% contra igual período de 2023. Dentre os segmentos da atividade, destacaram-se os aumentos registrados nas vendas de hipermerca-

dos e supermercados (12,2%), de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (10,8%), de artigos farmacêuticos e cosméticos (10,0%) e de veículos, motocicletas, partes e peças (9,4%). No sentido contrário, houve retração nas atividades de livros, jornais, revistas e papelaria (-20,5%), de combustíveis e lubrificantes (-4,3%) e de outros artigos de uso pessoal e doméstico (-3,3%).

Os serviços também estão crescendo neste início de ano. No primeiro bimestre, houve expansão de 3,4% do setor, desempenho puxado pelas atividades de serviços profissionais, administrativos e complementares (28,2%), de outros serviços (5,8%), de serviços de informação e comunicação (5,4%) e de serviços prestados às famílias (2,4%). A única atividade a apresentar recuo no período foi a de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-7,1%).

3.2 SETOR EXTERNO

Nos primeiros três meses de 2024, as exportações do Estado registraram o valor de US\$ 4,207 bilhões, montante 17,2% menor que o alcançado no mesmo período de 2023, o que representa um decréscimo absoluto de US\$ 874,7 milhões (**Tabela 3.3**). Setorialmente, ocorreram quedas nos valores tanto das vendas de produtos agropecuários quanto das exportações de produtos industriais.

Tabela 3.3 - Valor das exportações, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — 2023-24

ATIVIDADES	VALOR (US\$ 1.000)		Δ%
	Jan.- Mar./2023	Jan.- Mar./2024	
Produtos alimentícios	1.408.892	1.084.554	-23,0
Produtos do fumo	581.172	599.344	3,1
Produtos agropecuários	941.006	587.572	-37,6
Produtos químicos	328.986	331.162	0,7
Máquinas e equipamentos	323.027	252.034	-22,0
Celulose e papel	325.779	239.555	-26,5
Couros e calçados	233.848	230.427	-1,5
Veículos automotores, carrocerias e reboques	264.561	189.704	-28,3
Produtos de metal	151.053	156.843	3,8
Produtos de madeira	80.167	89.656	11,8
Outros produtos	443.014	445.928	0,7
VALOR TOTAL	5.081.505	4.206.778	-17,2

Fonte: ComexStat (Brasil, 2024a).

A esperada maior colheita de grãos exportáveis, notadamente de soja, ainda não resultou em crescimento dos embarques de grãos, simplesmente porque a colheita da oleaginosa começa a ser representativa a

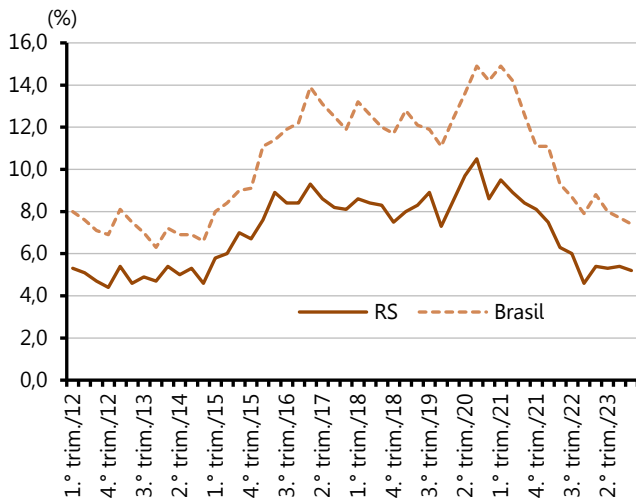
partir de abril. A expectativa é de que, portanto, as vendas de produtos agropecuários tenham um impulso a partir do próximo mês. Na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior, o valor das exportações de produtos da atividade agropecuária caiu 37,6%, uma redução absoluta de US\$ 353,4 milhões. O valor exportado de produtos industriais também diminuiu, com as maiores quedas relativas sendo registradas nas atividades de veículos automotores, reboques e carrocerias (-28,3%), de celulose e papel (-26,5%), de produtos alimentícios (-23,0%) e de máquinas e equipamentos (-22,0%). Em termos absolutos, a maior redução ocorreu nos produtos alimentícios, que venderam US\$ 324,3 milhões a menos no primeiro trimestre de 2024.

China, União Europeia e Estados Unidos foram os principais destinos das vendas externas do Estado no primeiro trimestre de 2024. A novidade foi a queda da Argentina, do quarto para o quinto lugar, ficando atrás do Vietnã. O valor exportado para o país vizinho caiu 19,4% no período, em função dos problemas econômicos que o país vem enfrentando. O valor das vendas para a China também reduziu, mas dentro do esperado em razão da sazonalidade da colheita de grãos. Quedas também foram registradas no valor das exportações para a União Europeia e para os Estados Unidos.

3.3 MERCADO DE TRABALHO

No 4.º trim./2023, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número total de ocupados no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul foi de 5.948 mil pessoas, um acréscimo de 105 mil pessoas em relação ao trimestre imediatamente anterior. Já em relação ao mesmo trimestre de 2022, houve estabilidade. A taxa de desocupação do 4.º trim./2023 foi de 5,2%, resultado que representa estabilidade tanto em relação ao trimestre anterior quanto na comparação com o 4.º trim./2022 (**Gráfico 3.4**). A massa real de rendimentos do 4.º trim./2023 também apresentou estabilidade nas comparações trimestral e anual.

Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-4.º trim./2023



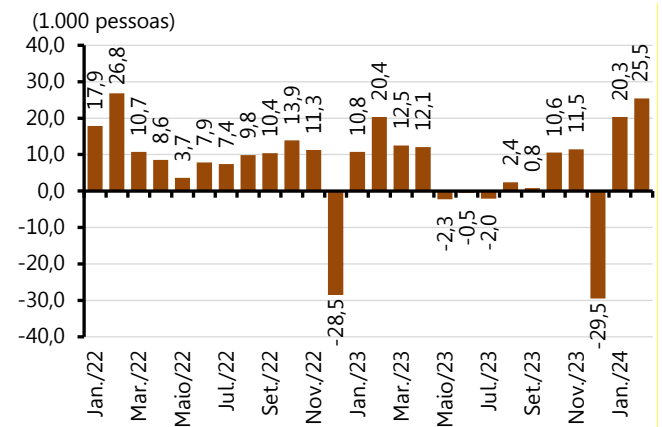
Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2024h).

O saldo entre admitidos e desligados no mercado formal de trabalho do Estado, de acordo com o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), foi de 61.326 empregos nos 12 meses terminados em fevereiro de 2024. Os dados mensais apresentaram bastante oscilação, com quedas em maio, junho, julho e dezembro de 2023 e elevações importantes em janeiro e fevereiro de 2024, chegando a um acréscimo de 45.740 novas vagas somente neste bimestre (**Gráfico 3.5**). Há que se considerar, no entanto, que os primeiros meses do ano são sazonalmente positivos em função dos empregos temporários nas colheitas de frutas e no processamento do fumo principalmente. Ainda no acumulado em 12 meses, na avaliação por atividade econômica, houve saldos positivos nas atividades de serviços (46.837), do comércio (13.164) e da agropecuária (6.345), enquanto a indústria (-3.475) e a construção (-1.545) registraram diminuição dos seus estoques de emprego. Os números setoriais do emprego formal acompanharam, portanto, os desempenhos produtivos das atividades econômicas.

Em relação ao estoque de empregos de fevereiro de 2023, a criação das 61.326 novas vagas representou um aumento de 2,2%. Regionalmente, 25 das 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram variações positivas do saldo em 12 meses sobre o estoque anterior (**Figura 3.1**). As maiores expansões relativas ocorreram nos Coredes Alto da Serra do Botucarái (10,6%), Campos de Cima da Serra (8,6%), Médio Alto Uruguai (5,7%) e Norte (4,6%). As três regiões que apresentaram redu-

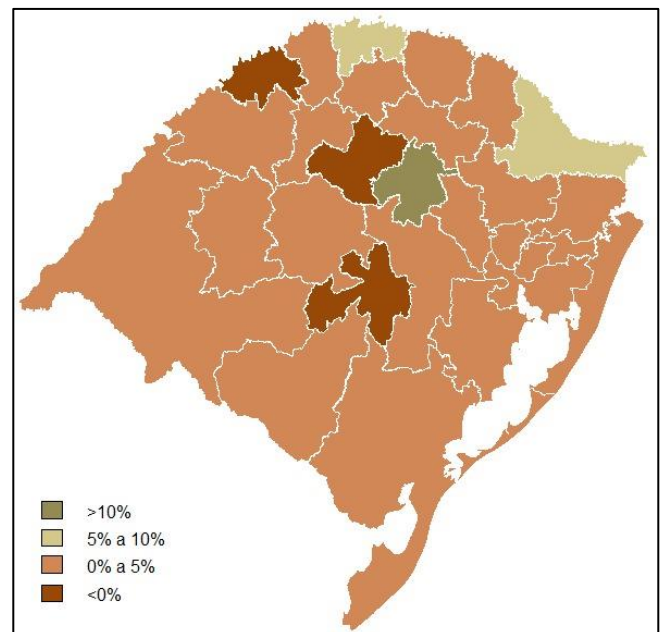
ção no número de empregos ao longo do período foram os Coredes Fronteira Noroeste (-0,3%), Jacuí-Centro (-0,1%) e Alto Jacuí (-0,03%)

Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2020-fev./2024



Fonte: Novo Caged (Brasil, 2024b).

Figura 3.1 - Variação do saldo em 12 meses entre admitidos e desligados sobre o estoque anterior no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — fev./2024



Fonte: Novo Caged (Brasil, 2024b).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve variação positiva em 371. Nos 19 municípios com mais de 100 mil habitantes, houve alta em todos eles, com destaque para os avanços de Alvorada (8,0%), Erechim (4,8%), Viamão (4,7%) e Gravataí (4,6%). Já entre os 56 municípios com população entre 30 mil e 100 mil habitantes, as maiores elevações relativas deram-se em Soledade (20,7%), Vacaria (7,9%) e Parobé (6,9%). Dezesesseis dos

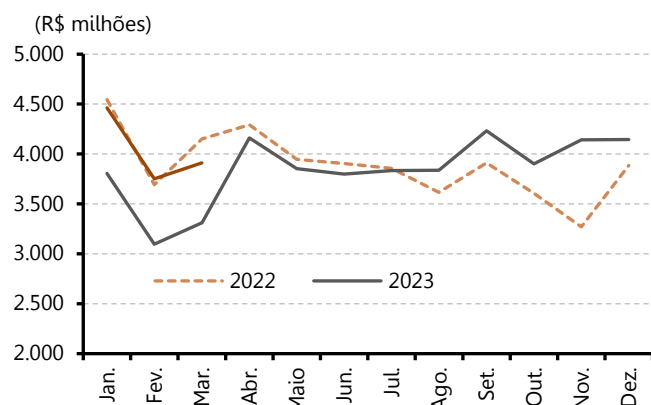
56 municípios registraram declínio no emprego, sendo os maiores recuos observados em Rio Pardo (-4,3%), Teutônia (-3,9%) e Eldorado do Sul (-3,6%).

3.4 ARRECAÇÃO DE ICMS

Nos três primeiros meses de 2024, o valor arrecadado com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul, a preços constantes de março de 2024, alcançou R\$ 12,125 bilhões, um acréscimo de 18,7% em relação ao montante arrecadado no mesmo período do ano anterior (**Gráfico 3.6**). Essa elevação está condicionada pela base deprimida dos primeiros meses de 2023, período marcado pelos efeitos da redução das alíquotas, principalmente de combustíveis, pela Lei Complementar n.º 194/2022, aprovada pelo Congresso Nacional em junho de 2022. Já na comparação com a arrecadação do primeiro trimestre de 2022, antes, portanto, da entrada em vigor da redução das alíquotas, o valor do ICMS de 2024 encontra-se ainda 2,1% abaixo.

Setorialmente, na comparação do primeiro trimestre de 2024 contra igual período de 2023, houve variação positiva dos valores arrecadados nas atividades de indústria de transformação (26,0%) e de outras indústrias (82,4%), principalmente da atividade de eletricidade e gás, e do comércio (7,6%). Por outro lado, os valores arrecadados na agropecuária (-5,9%), nos serviços de informação e comunicação (-10,0%) e em outros serviços (-5,9%) apresentaram redução.

Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2022-24



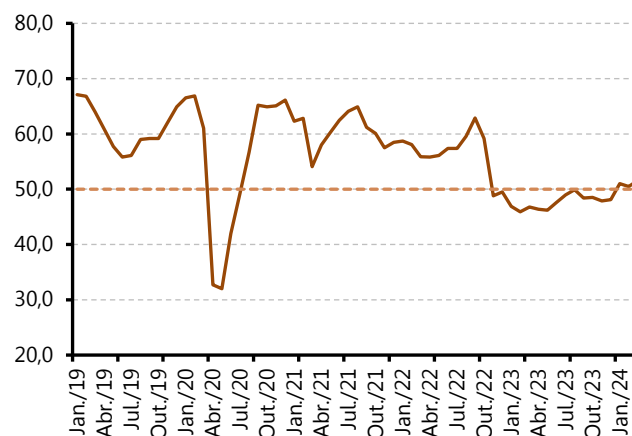
Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (Rio Grande do Sul, 2024a).
Nota: Valores constantes a preços de mar./2024, corrigidos pelo IPCA.

3.5 PERSPECTIVAS PARA 2024

A projeção para o desempenho da economia gaúcha em 2024 é positiva. Em primeiro lugar, e mais importante, a agropecuária do Estado deve apresentar um crescimento expressivo neste novo ano, a partir da volta à normalidade da produção dos principais grãos do Estado, notadamente da soja e do milho, após duas estiagens seguidas. Para além do impacto direto na própria atividade, o aumento da produção agrícola beneficiará outras atividades, como as de fornecimento de insumos para o setor, transportes, indústria agroalimentar, além do comércio e dos serviços em razão do aumento da renda do Setor Primário.

Há perspectivas positivas também para as atividades industriais, comerciais e de serviços do Estado em 2024. No primeiro caso, à base deprimida de 2023, em função de eventos pontuais já tratados neste boletim e no anterior, somam-se os impulsos que podem vir da flexibilização da política monetária brasileira e do projetado aumento da Formação Bruta de capital Fixo do Brasil, que, segundo o IPEA, deve crescer 3,2% em 2024. Os dados da atividade industrial do Estado no primeiro bimestre e o aumento da confiança dos empresários industriais gaúchos (**Gráfico 3.7**) reforçam esse quadro.

Gráfico 3.7 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2019-mar./2024

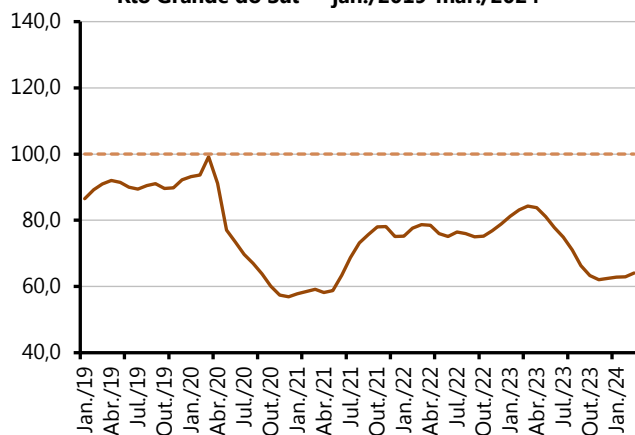


Fonte: FIERGS (2024).
Nota: O índice varia entre 0 e 100 pontos; valores acima de 50 pontos indicam otimismo.

O comércio e os serviços também podem beneficiar-se pelo aumento da renda agrícola, sempre relevante no Estado, pela queda dos juros e pelo crescimento da renda disponível, pela estabilidade da inflação, bem como pelos patamares relativamente baixos da taxa de desocupação e da taxa de subocupação por

insuficiência de horas trabalhadas no Brasil e no Rio Grande do Sul. À exemplo da indústria, os primeiros dados das vendas do comércio e dos serviços de 2024 e a elevação, mesmo que ainda tímida, da intenção de consumo das famílias (**Gráfico 3.8**) projetam um ano de desempenho positivo no setor.

Gráfico 3.8 - Intenção de consumo das famílias (ICF-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2019-mar./2024



Fonte: Fecomércio RS (2023).

Nota: O índice varia entre 0 e 200 pontos; valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

Uma análise das perspectivas para a economia gaúcha em 2024 a partir do carregamento estatístico pode ser conferida no **Box** deste boletim.

BOX

CARRY-OVER DO PIB GAÚCHO PARA 2024

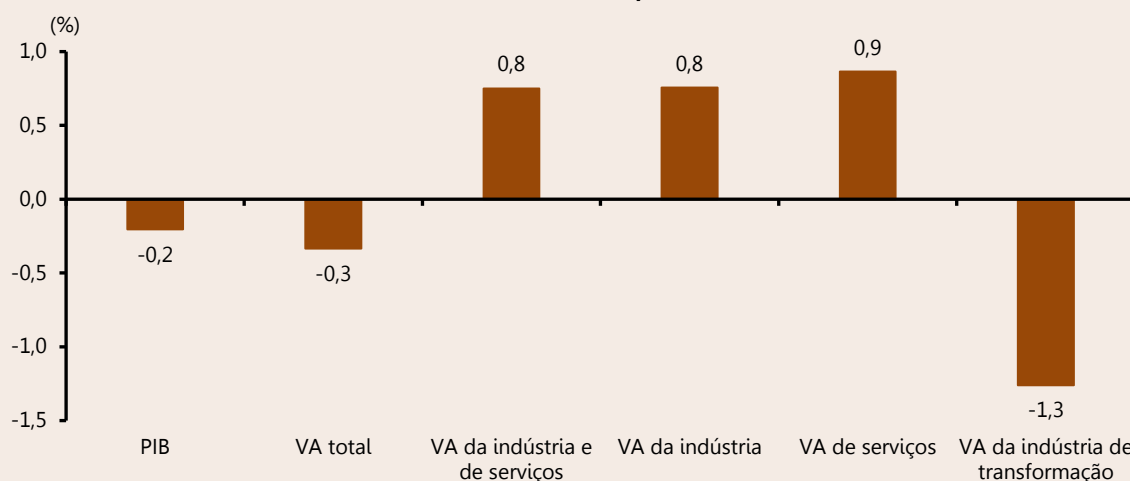
A taxa de crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral é calculada a partir da média da produção trimestral entre dois anos. Olhando para frente, é complexo realizar projeções do que ocorrerá em uma economia, com a dificuldade sendo maior quanto maior for o horizonte da previsão. As projeções de crescimento dependem da construção de cenários que podem não se efetivar, distanciando-se muito ou pouco do observado, por conta, por exemplo, de qualquer choque não antecipado na economia.

Entretanto, ao mesmo tempo em que é possível (e mais difícil) projetar um cenário preciso do que acontecerá em uma economia em um determinado ano, também é possível (e menos difícil) supor, para fins estatísticos, um cenário em que nada de diferente irá acontecer. Este último exercício, embora não sirva de projeção, serve para entender o quanto o PIB pode variar de um ano para outro apenas por uma questão estatística, sendo conhecido como *carry-over*. Mais precisamente, o *carry-over* — também conhecido como carregamento estatístico ou herança estatística — consiste na medida da variação anual a partir da suposição de que o nível de produção em um ano permanecerá o mesmo do último trimestre do ano anterior, ou seja, desconsidera-se qualquer possibilidade de flutuações na produção ao longo do ano.

A análise do *carry-over*, que pode ser positivo ou negativo, contribui para o entendimento da maior facilidade, ou dificuldade, de registrar uma variação positiva ou negativa entre dois anos unicamente pela questão estatística. Um resultado positivo indica que, mesmo mantendo, no decorrer do ano, o nível de produção do final do ano anterior, a variação do PIB seria positiva. Já um *carry-over* negativo indica que uma economia dependerá ainda mais de sua dinâmica econômica ao longo do ano para poder crescer (ou mesmo não retrair).

O gráfico apresenta o *carry-over* do PIB e do Valor Adicionado (VA) total e das macroatividades (exceto agropecuária), além do da indústria de transformação, do Rio Grande do Sul para 2024. A exceção da agropecuária, especialmente em épocas de estiagem, explica-se pelo fato de a análise do *carry-over* fazer mais sentido em atividades que mais dependam do nível de produção do ano anterior. Assim, também se gerou uma série de VA da indústria e dos serviços, excluindo a agropecuária.

Carry-over do Produto Interno Bruto (PIB) e do Valor Adicionado (VA), total e de atividades selecionadas, do Rio Grande do Sul para 2024



Fonte dos dados brutos: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2024b).

O carregamento estatístico do PIB para 2024 é de -0,2%, enquanto o do VA é de -0,3%. Como a dinâmica de produção da agropecuária não depende tanto do nível de produção do ano anterior (de estiagem), faz mais sentido excluí-la do cálculo (*carry-over* de -13,6%). Em assim procedendo, o *carry-over* do VA (considerando apenas a indústria e os serviços) passa a ser positivo (0,8%), mesma taxa do VA da indústria e semelhante à do VA dos serviços (0,9%). Por outro lado, para a indústria de transformação, principal atividade da indústria e que apresenta encadeamentos produtivos relevantes para as demais atividades da economia, o *carry-over* é negativo (-1,3%).

Nesses termos, embora existam elementos — discutidos na subseção de perspectivas — que admitam um cenário de maior dinamismo do que o indicado pelos *carry-overs* da indústria (inclusive da indústria de transformação) e dos serviços, o PIB do Rio Grande do Sul já deve registrar um crescimento relevante em 2024, mesmo considerando apenas o carregamento estatístico de ambas as atividades. Em decorrência da perspectiva de produção agrícola elevada e da baixa base de comparação após outro ano de estiagem, a agropecuária, a se confirmar sua perspectiva de produção, deve contribuir substancialmente para o crescimento do PIB neste ano.

PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — out./2023-mar./2024

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	OUT/23	NOV/23	DEZ/23	JAN/24	FEV/24	MAR/24
Indústria de transformação						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-1,2	-2,9	2,4	-5,7	9,4	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	0,8	-4,5	-8,2	-4,7	18,3	-
Acumulado em 12 meses	-3,9	-4,0	-4,7	-4,4	-2,2	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,2	-0,1	0,4	0,0	0,0	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	1,4	-0,8	-2,3	3,1	4,9	-
Acumulado em 12 meses	-0,7	-0,9	-1,0	-0,8	-0,2	-
Comércio varejista ampliado						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,3	0,9	-3,6	4,0	1,5	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	3,4	3,8	-2,0	4,9	7,4	-
Acumulado em 12 meses	1,7	1,8	1,2	0,9	1,1	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,2	1,6	-1,8	2,8	1,2	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	2,6	4,5	0,1	6,8	9,7	-
Acumulado em 12 meses	1,8	2,3	2,4	2,9	3,6	-
Serviços						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	1,5	-2,4	1,6	1,1	0,3	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	5,5	-1,9	-1,4	2,2	4,6	-
Acumulado em 12 meses	6,3	5,3	4,5	3,8	3,8	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,3	0,5	0,5	0,5	-0,9	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-0,2	0,5	-1,8	4,0	2,5	-
Acumulado em 12 meses	3,6	3,1	2,4	2,3	2,2	-
Preços						
IPCA-Região Metropolitana de Porto Alegre						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,04	0,34	0,43	0,13	0,52	-0,13
Acumulado em 12 meses	4,85	4,77	4,63	4,53	4,29	2,86
IPCA-Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,24	0,28	0,56	0,42	0,83	0,16
Acumulado em 12 meses	4,82	4,68	4,62	4,51	4,50	3,93

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2024b).

Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2024e).

Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2024f).

Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2024g).

REFERÊNCIAS

AMITRANO, C. R.; MORA Y ARAUJO, M. Visão Geral da Conjuntura. **Carta de Conjuntura (IPEA)**, Brasília, DF, n. 62, nota 27, 1 trim. 2024.

https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/04/240403_cc_62_nota_27.pdf. Disponível em: Acesso em: 03 abr. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2024a. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v2.1**. Brasília, DF: BCB, 2024b. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BOLETIM DE TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: SPGG/DEE, v. 6, n. 1, 2024. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/boletim-trabalho>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2024a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: fevereiro 2024. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2024b. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNWl5NWl0ODlEYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWI2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em: 12 abr. 2024.

EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMq1ahKJIU. Acesso em: 12 abr. 2024.

FECOMÉRCIO RS. **Intenção de consumo das famílias gaúchas**. Porto Alegre: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em:

<https://www.fecomercio-rs.org.br/documentos/publicacoes>. Acesso em: 12 abr. 2024.

FIERGS. **Índice de confiança do empresário industrial**. Porto Alegre: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Índice de Preços ao Produtor**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ipp/tabelas>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Mensal de Comércio**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Mensal de Serviços**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 4.º trimestre de 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024h. Disponível em:

<https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – referência 2010 – 4º trimestre 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2024i. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IMF. **World economic outlook update**. Washington, DC: IMF, jan. 2024. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2024/01/30/world-economic-outlook-update-january-2024>. Acesso em: 12 abr. 2024.

NETHERLANDS. Central Planning Bureau. **CPB world trade monitor**. Haia: CPB, jan. 2024. Disponível em: <https://www.cpb.nl/en/world-trade-monitor>. Acesso em: 28 mar. 2024.

OECD. **Quarterly GDP**. Disponível em: <https://stats.oecd.org/>. 2024. Acesso em: 28 mar. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados**. Porto Alegre: SEFAZ, 2024a. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2024b. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 12 abr. 2024.

WORLD BANK. **Global economic prospects**. Washington, DC: World Bank, jan. 2024a. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/global-economic-prospects>. Acesso em: 28 mar. 2024.

WORLD BANK. **World Bank commodity price data**. Washington, DC: World Bank, mar. 2024b. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets>. Acesso em: 28 mar. 2024



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL